

Apresentação

Nair Costa Muls

Coodenadora do GT Movimentos Sociais no Campo

Os trabalhos que apresentamos nesta coletânea foram escolhidos entre aqueles que constituíram a matéria das discussões do GT V – Movimentos Sociais no Campo, no XVIII ENCONTRO NACIONAL DA APIPSA, realizado em Campina Grande, Paraíba, de 25 a 29 de novembro de 1996.

Este Encontro se organizou em três diferentes Sessões: SESSÃO I – Impactos da Modernização Agrícola no Processo de Trabalho e Reação dos Trabalhadores Rurais. – SESSÃO II – Os Movimentos sociais no Campo – Assentamentos: caminhos e descaminhos. – SESSÃO III – Exclusão e Desigualdade no meio rural: campesinato e cidadania.

Na Parte I, os trabalhos focalizaram as transformações da base material e técnica da atividade agrícola no contexto da internacionalização do capital e da globalização do mercado e buscaram entender os impactos das inovações tecnológicas no processo produtivo, através de novas formas de organização e de controle do trabalho e da reação dos trabalhadores agrícolas.

Alguns pontos merecem destaque: em primeiro lugar, a dimensão dos complexos agroindustriais que, se estruturando sob o domínio dos capitais industrial e financeiro, passaram a impor o ritmo e o perfil do processo produtivo agrícola; em conseqüência, a tendência a uma intensa padronização do processo de trabalho, com traços não só do taylorismo–fordismo, quanto do toyotismo nas grandes empresas ligadas ao complexo agro-industrial, seja nas culturas irrigadas, seja nos reflorestamentos ou ainda nos setores de ponta da produção agrícola (café, cana, frutas cítricas); uma acentuada diferenciação dos trabalhadores rurais, que parece estar levando a uma fragmentação dos mesmos; e a dificuldade, por parte dos sindicatos e associações representativas dos trabalhadores rurais e urbanos em entender a complexidade desse processo e em mobilizar os trabalhadores; mas também a constituição de novos mecanismos de defesa dos interesses dos trabalhadores, através de redes de relações de poder e de articulações políticas que mesclam o clientelismo político e a reciprocidade.

Na Parte II, (Os Movimentos sociais no campo – assentamentos: caminhos e descaminhos), procurou-se entender a territorialização dos trabalhadores rurais, sindicatos e movimentos sociais, ou seja, buscou-se entender o processo de produção do espaço por esses diferentes segmentos, a partir de uma postura teórica (LEFEBVRE e HABERMAS) em que o espaço é visto como materialização da experiência humana e, sobretudo, como espaço interativo. Materialização da experiência humana, que é essencialmente interativa, a produção do espaço possibilita um processo de conscientização, de resistência e de luta e, portanto, se constitui como um espaço de construção do sujeito. Os trabalhos apresentados apontaram: a) o caráter modernizante do MST, possibilitando, através de diferentes estratégias, a inserção dos trabalhadores sem terra no mundo moderno; b) os assentamentos como um novo modo de vida e de construção de novas formas de sociabilidade e de cultura política, fundadas na solidariedade, na reciprocidade e na democracia, facilitando, assim, a conquista e a construção da cidadania. A pedagogia revolucionária dos assentamentos possibilita, inclusive, a construção de uma nova forma de percepção do tempo e do espaço a partir da casa como espaço mítico e lugar de reprodução familiar e de uma nova percepção do corpo (BACHELARD, THOMPSON, VASCONCELOS); c) os assentamentos como possibilidade de produção de novos espaços interativos, que, materializando a experiência vivida de luta e de resistência, se constituem como espaços de construção de novas formas de vida e de recusa das regras estabelecidas por projetos externos, sobretudo aquelas que se referem ao modelo estatal de organização dos assentamentos; d) nesse sentido, os assentamentos parecem se constituir também como possibilidade de constituição de novas frentes de cultivo, fora da engrenagem capitalista e como situação de impacto sobre o universo feminino e, conseqüentemente, como possibilidade de questionamento e mudanças na condição feminina.

Os trabalhos da Parte III, (Exclusão e Desigualdade no meio rural: campesinato e cidadania), possibilitaram a continuação da discussão da sessão anterior, na medida em que tiveram como eixo a construção do espaço social dos assentamentos, sindicatos, associações e movimentos sociais como espaço de construção da cidadania. Reforçaram algumas das questões já tratadas, trazendo novamente para o foco das discussões, o simbólico, o imaginário, a subjetividade do trabalhador e a questão do gênero (MARX, CASTORIADIS, THOMPSON e BOURDIEU), dimensões importantes na construção da identidade, da consciência e da luta das classes trabalhadoras.

Entre os vinte trabalhos apresentados, a Coordenação do GT V e os coordenadores das mesas nas três Sessões escolheram aqueles que mais se destacaram em termos de objetividade e originalidade no tratamento da questão proposta e em termos da relevância do tema para a melhor compreensão da realidade, das perspectivas e dos desafios que se colocam aos movimentos sociais no campo hoje, em fins da última década do século XX.